



Meio: Agência Lusa (citada pelo Jornal I)

Data: 16 de Novembro 2013

“ Estes homens que mostram capacidade empreendedora são exemplos que devem ser revisitados para inspirar a redenção que a situação espera dos portugueses”, disse

Exemplos como o do navegador Jorge Álvares, que há 500 anos chegou aos mares da China, deveriam ser "revisitados" como conceitos de empreendedorismo para Portugal, defendeu hoje Adriano Moreira, em Freixo de Espada à Cinta.

"Estes homens que mostram capacidade empreendedora são exemplos que devem ser revisitados para inspirar a redenção que a situação espera dos portugueses", disse.

Adriano Moreira falava no decurso das comemorações dos 500 anos da chegada de Jorge Álvares aos mares da China, que hoje decorrem na vila transmontana de Freixo de Espada à Cinta, terra de onde o navegador era natural.

O professor recordou que há 500 anos havia muitos portugueses "com atrevimento e com sentido de dever", apontado Jorge Álvares como um exemplo do conhecimento "do conceito estratégico para o país".

"Acho oportuno fazer estas homenagens num momento em que Portugal precisa de gente com decisão e fidelidade ao conceito estratégico do país. Isto é uma coisa que poucas pessoas sublinham e apreciam", disse Adriano Moreira.

Numa altura em que Portugal "está a passar maus momentos, "o país precisa de "referências".

O ex-presidente da Assembleia da República Almeida Santos, que também participou na homenagem, acrescentou que há 500 anos o primeiro português a chegar à China era oriundo de uma vila do interior profundo como Freixo de Espada à Cinta, o que demonstra a determinação do povo português em ultrapassar dificuldades.

"Os portugueses há 500 anos eram de facto um povo fabuloso", frisou o histórico militante Socialista.

Já a presidente da Câmara de Freixo de Espada à Cinta (PSD), Maria do Céu Quintas, disse que a globalização fez surgir uma sociedade "desregrada e esbanjadora" e sem preocupações sociais, "afastada de todos os sentimentos de humanidade e liberdade".

"A globalização não passa de uma construção ideológica destinada a unificar o mundo, que justamente só está uniformizado só pelo capital" afirmou a autarca, que questionou se Portugal está à altura de lançar uma nova epopeia tendo em vista "um futuro diferente" para a cultura nacional.

"A promoção internacional da nossa cultura, dos nossos costumes, da nossa língua, baseada num conceito fortalecido, competente e criativo com a finalidade de alcançar outras áreas como a económica e financeira deverá ser o principal instrumento para dinamizar os negócios",apontou.

Maria do Céu Quinta acrescentou ainda, que Portugal "não se pode compadecer com organismos aburguesados que não deveriam abandonar a sua herança histórica", porque o alcance da Lusofonia não se pode confinar aos oito países de língua oficial portuguesa.

Durante as cerimónias foi descerrada uma lápide evocativa pela Marinha de Guerra Portuguesa e lançado um selo comemorativo da efeméride.